



CARACTERIZAÇÃO FÍSICA E SÓCIO-ECONÔMICA DOS MUNICÍPIOS DO ENTORNO DA PENÍNSULA DE MARAÚ-BAHIA

ASSUNÇÃO, Patrícia Vivas¹; MARTINS, Patrick Thomaz de Aquino²; AMORIM, Raul Reis²
LEAL, Josimeire da Silva²; COUTO, Acácia Bastos²; SCHIAVETTI, Alexandre³

Palavras-chave: Península de Maraú, Caracterização Física; aspectos; Sócio-Econômicos
Eixo-Temático: Geomorfologia Costeira

RESUMO

Objetivou-se diagnosticar as transformações ocorridas nos municípios do entorno da península de Maraú-BA, nas últimas décadas do século XX e início do século XXI. Para tal, caracterizou-se a estrutura sócio-econômica, bem como, as formas de ocupação e o meio físico (geologia, geomorfologia e clima). Para o meio físico, utilizou-se informações da CEPLAC e Superintendência de Geologia e Recursos Minerais da Bahia. Os aspectos sócio-econômicos foram avaliados, mediante informações coletadas no censo do IBGE no período de 1970 a 2000, contagem da população de 1996 e Censo Agropecuário de 1985 e 1996. A referida área apresenta diversidade litológica, sendo constituída por rochas sedimentares de baixo grau de metamorfismo, depositadas sobre gnaisses, migmatitos e granulitos. Com clima tropical úmido de chuvas abundantes e bem distribuídas anualmente, aliado, as variadas feições geomorfológicas. Tais características influenciaram a produção econômica, estando pautada na atividade primária, atreladas à agricultura, pecuária e pesca, o extrativismo mineral, além de apresentar um elevado potencial para as atividades turísticas.

¹ Pós-Graduada em Educação Ambiental pelo Instituto Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão – ISEPE – Avenida Vicente Machado, 2223 – Batel – Curitiba – PR. - Graduada em Geografia pela da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. e-mail: pathvivas@hotmail.com

² Estudantes do curso de Geografia da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC.

³ Professor Adjunto do Departamento de Ciências Agrárias e Ambientais (Curso de Geografia) - Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC; Pesquisador Associado do Instituto Sócio-Ambiental da Bahia.- IESB.



INTRODUÇÃO

A exploração dos elementos naturais pelas sociedades visam atualmente o lucro fácil, sem preocupações com as gerações futuras. O ideal seria que as sociedades buscassem manter estratégias de convivência pacífica com a natureza, buscando desempenhar uma relação desenvolvimento sustentável, na utilização dos recursos naturais na construção dos espaços geográficos.

Tal relação vem transformando o espaço geográfico do Sul da Bahia, principalmente com a grande exploração turística, que pode levar como conseqüência à degradação de um dos ecossistemas de maior biodiversidade do planeta, a Mata Atlântica.

A retirada da mata para a implementação de atividades agrícolas e posterior formação das cidades, transformaram a paisagem natural em uma paisagem artificializada, alterando assim a dinâmica dos fatores naturais. Como exemplo pode-se mencionar as modificações no clima ocasionadas pela ação antrópica nas áreas florestais, com conseqüente aumento da temperatura e diminuição das chuvas; exposição da camada superficial dos solos com intensificação dos processos erosivos e dissecação do modelado.

Assim, o presente trabalho objetivou diagnosticar as transformações ocorridas nos municípios do entorno da Península de Marau, localizada no Sul da Bahia, nas últimas décadas do século XX e início do século XXI. Para tal, caracterizou-se a estrutura sócio-econômica, bem como, as formas de ocupação e o meio físico (aspectos climáticos, geológicos e geomorfológicos).

2. MATERIAIS E MÉTODOS

A operacionalização da pesquisa procurou analisar a partir de referências teóricas publicadas em documentos, dando subsídios para compreender os aspectos a serem estudados, incluindo a análise de dados secundários de trabalhos já realizados na região no entorno da Península de Marau/BA. Foram consultados sítios oficiais do poder público, tais como o do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (SIDRA) e do Portal Oficial do Estado da Bahia, bem como Anuários Estatísticos da Bahia, dos anos de 1972, 1983, 1995 e 2001.



3. MEIO FÍSICO

3.1 Clima

Roeder (1975) define o clima dessa região como tropical, influenciado pelas latitudes entre 14° e 13° S, pela formação permanente de circulação secundária do tipo brisas marítima e terrestre e pela migração do anticiclone subtropical do Atlântico Sul que, em sua borda ocidental, atua sobre esta faixa, intensificando ou enfraquecendo os ventos alísios.

O clima da região, de acordo com a classificação de Köppen, é quente e úmido, típico de clima tropical costeiro, com regime de chuvas de acordo com o deslocamento do anticiclone subtropical marítimo. Considerando como referência a Normal Climatológica do INMET (1992), para Salvador, a temperatura média anual é de 25,5° C e a precipitação média anual é da ordem de 2098,7 mm, onde cerca de 60% da chuva total está concentrada entre os meses de abril a agosto. Contrariamente, as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, região sudeste, nesse mesmo período a quantidade de chuva não ultrapassa 16% do total anual e, portanto, com regime distinto do que ocorre na região do litoral ao sul de Salvador.

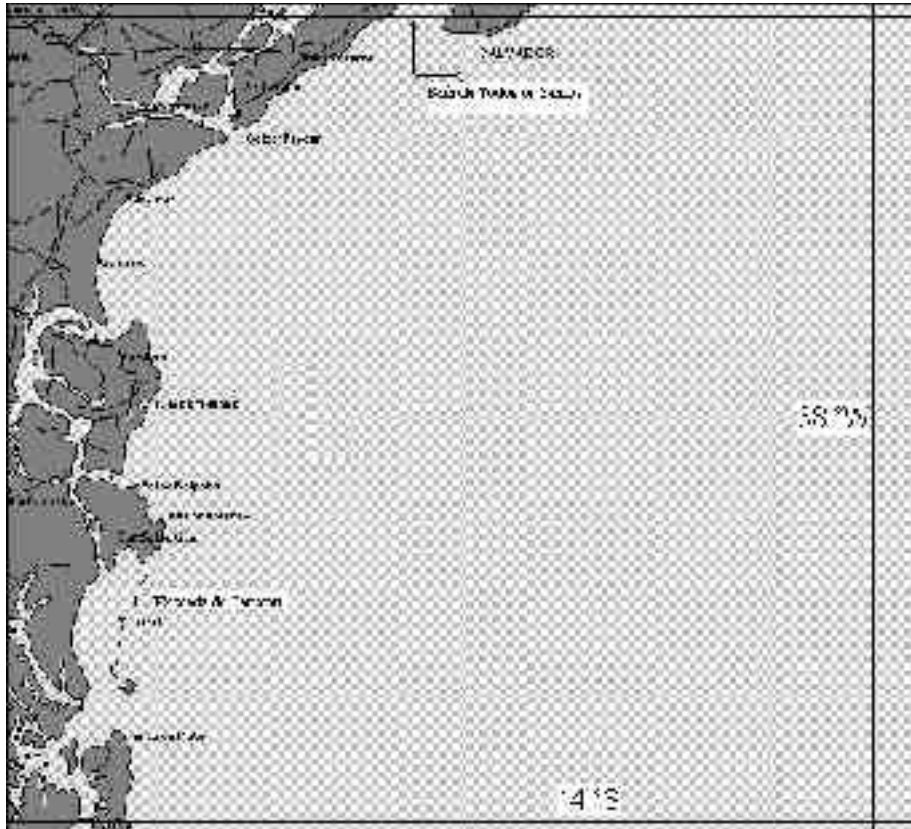


Figura 1 - Litoral Sul de Salvador, envolvendo a enseada de Camamu

3.2 Geologia

Ao sul de Salvador faz-se presente uma série de bacias com área total de 19000km², bordejando a linha de costa (Gonçalves,1976). Formadas ao longo do rift e conhecidas como bacias do Jacuípe, Camamu e Almada, são preenchidas por sedimentos jurássicos, clásticos e evaporíticos, depositados inicialmente na Depressão Afro-brasileira, recobertos por sedimentos clásticos, neocomianos, da fase rift que se desenvolveu na direção geral norte-sul.

Estes foram, posteriormente, soterrados por sedimentos do Aptiano, Neocretáceo e do Terciário, quando a fase rift evoluiu para a fase de abertura do Oceano Atlântico.

O arcabouço tectônico destas bacias é constituído por blocos rebaixados na direção do mar, limitados por falhas de grandes rejeitos, onde se desenvolvem estruturas anticlinais, associadas à falhas lítricas, formadas por fluxo gravitacional.

A bacia de Camamu apresenta um arcabouço estrutural bastante complexo, associado com o rifteamento de uma região marcada por muitas heterogeneidades no embasamento,



que é composto de rochas Pré-Cambrianas do cinturão granulítico do Atlântico.(Barbosa e Dominguez, 1996)

Está limitada ao norte pela Zona de Transferência da Barra; ao sul pelo Alto de Ilhéus e a oeste pelo Alto de Camamu.

A geometria do rift está associada com vários meio-grabens assimétricos, controlados por falhas principais mergulhando para leste. Associado com o rifteamento do Cretáceo Inferior, falhas extensionais dão origem a uma série de horsts e grabens caracterizados por falhas limites com expressão em dog-leg (Bahia, 1997).

As falhas limítrofes de trend NE/SW são indicativas de uma tendência extensional regional de direção N30-40W, associada com o adelgaçamento da litosfera continental durante o Neocomiano, que se rompeu e formou o Oceano Atlântico em direção leste do sistema de rift. Várias das feições estruturais transversais ao eixo do rift têm sido interpretadas como zonas de transferência ou de acomodação, as quais poderiam estar associadas com deslocamentos horizontais ou inversão de polaridade das falhas extensionais.(Gonçalves, 1976)

3.3 Geomorfologia

A área de estudo abarca uma região litorânea constituída por um complexo estuarino, zona de praia e terras emersas adjacentes e a área da plataforma continental interna, desde a linha de costa até uma profundidade de cerca de 2000 metros (Bahia,1997).

O complexo estuarino é composto por vários canais - Maraú, Conduru, Sorojó, Igrapiúna e Serinhaém – que desembocam numa grande baía que se liga ao mar aberto através de uma barra de 7 km de largura. Desses canais, o de Serinhaém desemboca praticamente nessa barra. O canal de Maraú forma, a leste, uma península com 15 km de extensão e largura média de 2 km.(Rocha Filho, 1975)

Várias ilhas também compõem este estuário, sendo as principais a Grande, Pequena, das Flores ou Maranguá, do Campinho, dos Tubarões, Germana, entre outras.



Desde a barra do estuário até o início dos canais que o formam, este estuário tem aproximadamente 16 km de largura na direção E-W e 55 km de extensão na direção N-S, ocupando um grande compartimento geomorfológico constituído por terras baixas que se estende desde a foz do rio das Contas, em Itacaré, até a região das ilhas de Boipeba, Tinharé e Cairu.(Bahia, 1996)

Essas terras baixas são constituídas, na faixa junto ao mar, por restingas arenosas formadas a partir de cordões litorâneos, evidenciando uma regressão marinha durante o Quaternário. Parte dessas restingas, como junto à margem esquerda do canal do Serinhaém, apresenta-se em processo de descaracterização, com a instalação da rede de drenagem e pela própria ocupação antrópica.

Na península de Maraú, os cordões litorâneos depositados durante a regressão do mar terminaram por formar diversas lagoas de formato alongado, paralelamente a esses, dentre as quais se destaca a lagoa do Cassange, por ser a de maior dimensão, com 5 km de extensão (Bahia, 1997)

Paralelamente à linha de costa da península de Maraú ocorrem recifes de coral, os quais chegam a avançar na zona de arrebentação e, em certos trechos, formam águas abrigadas entre as barreiras e a praia.

Já ao norte da barra, delimitada pela Ponta do Apaga Fogo, os corais deixam de ocorrer, surgindo novamente apenas na região das ilhas de Boipeba e Tinharé.

Isolados em meio à restinga e em toda a parte oeste desse compartimento de terras baixas ocorrem os morros baixos e morrotes, com topos situados entre 50 e 80 metros de altitude, como o morro de Taipus, na península de Maraú, parte da ilha Grande, a ilha Pequena e a área no entorno da cidade de Maraú. São sustentados pelos sedimentos da Formação Barreiras e rochas sedimentares mesozóicas da Bacia de Camamu.(Bahia,1997)

A cidade de Camamu situa-se exatamente na transição entre o compartimento de terras baixas, a leste, e o compartimento de morros, a oeste. Este compartimento de morros apresenta-se fortemente estruturado, com lineamentos conspícuos de direção N-S condicionando as linhas de drenagem e as formas de relevo, com os topos dos morros situados a cotas superiores a 100 metros de altitude, sustentados por rochas do embasamento cristalino.(Bahia,1996)

Grosso modo, o contato entre esses dois compartimentos é definido por uma linha de passa pelas cidade de Ituberá, Camamu e Itacaré.



No domínio dos morros e morrotes, tanto do compartimento de morros, a oeste, como no compartimento de terras baixas, a leste, os processos da dinâmica superficial dominantes são de erosão, produzindo os materiais que serão depositados nas extensas planícies de maré que marcam a paisagem do estuário, e junto às praias, na linha de costa.

No interior do estuário observam-se nitidamente os bancos lodosos, ainda não fixados pela vegetação de mangue. Já na desembocadura do canal do Serinhaém, nota-se um extenso banco arenoso junto à margem direita, o qual se prolonga por mais de 1 km para o interior da barra (Bahia, 1997).

Os sedimentos arenosos que se depositam junto à praia parecem ser trazidos por correntes de deriva, podendo ser o rio das Contas o mais importante no aporte desses materiais, uma vez que não conta com uma área de retenção de sedimentos, como os rios que aportam ao estuário de Camamu.

4. USO E OCUPAÇÃO DO SOLO

A baía de Camamu serviu, no passado, de porto para embarcações que para aí se deslocavam à procura dos produtos disponíveis e originários do local (baía de Camamu), como da região mais interiorana do estado da Bahia. Produção esta que, historicamente, se voltou principalmente para a farinha de mandioca. Há relatos que em diversos períodos houve, nesta região, produção de açúcar e derivados da cana-de-açúcar, algodão, café, cacau, guaraná e cravo. Também há relatos do contrabando de Pau Brasil, mas, sempre, a farinha de mandioca se manteve como o produto mais importante.

Atualmente a região sul da Bahia apresenta extensas áreas voltadas para a cultura do cacau, intercaladas com pequenas glebas destinadas à policultura, onde se plantam mandioca, dendê, banana, seringueira, coco-da-bahia, guaraná, pimenta-do-reino, cravo-da-índia, macadâmia, e outras culturas.

Silva (1976) aponta que as plantações da mandioca foram responsáveis pela maior expansão da área ocupada e pela substituição da mata natural e vegetação das restingas, por outras vegetações (plantadas e invasoras). Muitas das glebas que foram cultivadas no passado, atualmente se encontram recobertas por vegetação rasteira e invasora, formando áreas de campos e pastagens, entremeadas a glebas de vegetação natural.

Atualmente, nas áreas situadas mais junto à baía de Camamu, o desenvolvimento da agricultura e da pecuária se encontra praticamente estagnado. Não se observa um amplo



desenvolvimento da agricultura. Ao contrário, são poucas as áreas cultivadas. Destaca-se apenas uma grande área cultivada com coqueiros, localizada na península norte da baía de Camamu. Na península sul, o cultivo e a produção de coco é em pequena escala, atendendo principalmente ao comércio local.

Nestas duas penínsulas predomina o ambiente das restingas, com seus antigos cordões de praias voltados para o leste (oceano), com grandes áreas desmatadas (desmatamentos mais antigos e desmatamentos mais recentes). Já os ambientes de mangue, voltados para o interior da baía, se apresentam, na grande maioria dos locais, de forma bem preservada.

Na península sul aparecem alguns morros isolados em meio a grandes áreas da restinga, todos apresentando altitudes máximas de 50 metros.

Afastando-se da linha das praias e desta planície costeira composta por restingas, mangues e pequenos morros isolados, aparecem os terrenos mais elevados, formando um planalto recortado por uma grande rede de drenagem que aflui para a baía de Camamu. No planalto, nesta faixa mais junto ao mar, as cotas dos terrenos prevalecem até 200 metros (Bahia, 1997)

Nesta faixa do planalto, a agricultura também não se mostra com grande desenvolvimento. Aparecem poucas áreas com plantações do cacau, seringueiras, cravo-da-índia em meio a extensas áreas de campos e pastagens. A produção e produtividade das áreas cultivadas são pequenas. Não se observa o desenvolvimento da pecuária e não se tem notícias do desenvolvimento da pecuária (bovinos, bubalinos, caprinos ou suínos), principalmente nesta região mais próxima da baía de Camamu.

Atualmente, as principais atividades econômicas desenvolvidas pelos moradores que se estabeleceram e se relacionam diretamente com a baía de Camamu e que interferem na utilização do solo, são as seguintes: pesca e mariscagem, turismo, fabricação de barcos e saveiros, mineração (Baroid), extração do dendê, serviços e comércio.

Sem ter a pretensão de delimitar todas as diferenciações possíveis, a partir da interpretação de imagem de satélite, o mapa de uso atual do solo procura representar os usos do solo inseridos nas unidades de paisagem natural, buscando refletir a relação entre essas atividades e os recursos de se utilizam.

Bahia (1997) identificou as seguintes unidades geoambientais:



- =====
- a) Manguezais: caracterizados pela vegetação típica pouco degradada ou bem recuperada, atualmente utilizados apenas para a mariscagem;
 - b) Matas naturais: caracterizada pela floresta ombrófila densa, contendo em seu interior pequenas glebas com culturas de cacau, dendê, pastagens, e culturas de subsistência (mandioca, milho, pimenta). Ocorrem sobre as áreas de morros e morrotes, tanto no planalto como nas ilhas e na península sul;
 - c) Restinga: caracterizada pela vegetação típica arbórea/herbácea, que se instala naturalmente sobre antigos cordões de praias e depósitos marinhos, com intercalações de pequenas glebas de cultivo de coco, antigas áreas de cultivo da mandioca e que apresentam atualmente vegetação rasteira invasora;
 - d) Restinga recém desmatada: caracterizada por extensa área situada a sul da cidade de Marau, onde recentemente ocorreu grande devastação da vegetação típica destas restingas;
 - e) Áreas urbanizadas: caracterizadas pela sedes dos municípios e pelas diversas comunidades e pequenas concentrações de moradores.

5. MEIO SÓCIO ECONÔMICO

5.1 Dinâmica Populacional

5.1.1 Aspectos Demográficos

Conforme a Tabela 1, a Região apresenta crescimento populacional com maioria da população habitando a zona rural, com exceção do município de Ituberá que apresenta a maior taxa de urbanização dos quatro municípios (62%).

A população dos 4 municípios soma 82.267 habitantes em 1996, segundo o IBGE, das quais apenas 27.526 em área urbana (30,82 % do total).

Os dados revelam uma mudança no padrão de evolução da população de Camamu entre 80 e 91, com a redução no número total de habitantes e o crescimento de da taxa de urbanização, que vinha caindo. Tal mudança se deve ao desmembramento do território de Camamu para a criação do município de Igrapiúna, ocorrida em 1989, onde a população mais numerosa e a área mais urbanizada permanecem em Camamu e a área menos povoada e com população predominantemente rural passaram a pertencer a Igrapiúna.



A densidade demográfica para o ano de 1996 foi de 23 hab/km² em Marauá, 34 hab/km² em Camamu, 26 hab/km² em Igrapiúna e 49 hab/km² para Ituberá. Os municípios com maior número de população em 1996 são: Camamu e Ituberá, que somam juntos mais da metade do total dos residentes da Região, conforme Tabela 2.

Tabela 1: População Residente, Taxa de Urbanização e Densidade Demográfica (1970-96).

Município	Ano	População Residente			Taxa de Urbanização %	Densidade Demográfica hab/km ²
		Total	Urbana	Rural		
Camamu	1970	25502	5307	20195	20,81	33,6
	1980	36156	6831	29325	18,89	47,64
	1991	32766	8004	24762	24,43	42,99
	1996	30484	10419	20065	34,18	40,16
Igrapiúna*	1991	12687	966	11721	7,61	24,63
	1996	13232	1576	11656	34,18	25,69
Ituberá	1970	15933	5995	9938	37,63	46,18
	1980	27599	9559	18040	34,64	80,00
	1991	20469	11761	8708	57,46	59,33
	1996	20671	12821	7850	62,02	59,91
Marauá	1970	11875	2219	9656	18,69	14,57
	1980	14301	2107	12194	14,73	17,55
	1991	17469	2651	14818	15,18	21,43
	1996	17880	2710	15170	15,16	21,93

Fonte: IBGE, Contagem da População, 1996; SEI, Anuário Estatístico da Bahia – 1998; CEI, Informações Básicas dos Municípios Baianos 5, vol I e II, Litoral Sul, 1993.

* O Município de Igrapiúna desmembrou-se de Camamu em 1989

Tabela 2: População Residente, Área e Densidade Demográfica – 1996

Municípios	População Total (hab)	Área (km ²)	Densidade Demográfica
Camamu	30484	759	40,16
Igrapiúna	13232	515	25,69
Ituberá	20671	345	59,91
Marauá	17880	815	21,93
Total Região	82267	2434	33,79

Fonte: IBGE, Contagem da População 1996; SEI, Anuário Estatístico da Bahia – 1998; CEI, Informações Básicas dos Municípios Baianos 5, vol I e II, Litoral Sul, 1993.

Analisando a composição da população residente segundo as Faixas de Idade, Tabela 3, nota-se uma similaridade em todos os municípios, com uma população extremamente jovem, onde a maior concentração ocorre na faixa de 0 a 9 anos, correspondendo a 26% do



total da região. Ao se acrescentar a faixa de 10 a 14 anos, essa porcentagem sobe para 41% do total de habitantes da região.

Tabela 3 - População Residente na região por Faixa de Idade.

Faixa etária	Total de Habitantes da		Municípios			
	Região	Camamu	Igrapiúna	Ituberá	Maraú	
0 a 4	10557	4 077	1 833	2 129	2 518	
5 a 9	11484	4 241	1 925	2 572	2 746	
10 a 14	11820	4 524	1 898	2 455	2 943	
15 a 19	9580	3 580	1 423	1 967	2 610	
20 a 24	6658	2 398	1 084	1 440	1 736	
25 a 29	5675	1 977	955	1 309	1 434	
30 a 34	5012	1 746	842	1 130	1 294	
35 a 39	4565	1 639	695	1 122	1 109	
40 a 44	3773	1 390	576	813	994	
45 a 49	3095	1 135	477	686	797	
50 a 54	2349	862	341	566	580	
55 a 59	2195	824	314	505	552	
60 a 64	1681	633	196	403	449	
65 a 69	1332	517	190	294	331	
70 a 74	843	337	109	172	225	
75 a 79	506	221	63	84	138	
80 ou mais	650	253	104	113	180	
Ignorada	492	130	207	120	35	
Total	82 267	30 484	13 232	17 880	20 671	

Fonte: IBGE, Contagem da População 1996.

A População Economicamente Ativa, PEA, conforme Tabela 4 está alocada predominantemente na agricultura, que responde por 80% dos trabalhadores regionais, vindo em seguida a indústria e os setores de serviços e comércio. A grande maioria da mão de obra empregada é a do sexo masculino, atingindo 82% do total. O setor que emprega parcela mais numerosa de mulheres é o agrícola, mas os demais setores refletem a distribuição desigual de mão de obra feminina.



Tabela 4 - População Economicamente Ativa (PEA) segundo sexo e setor de atividade

Setor de Atividades	Homens		Mulheres		Total	
	Nº Absoluto	%	Nº Absoluto	%	Nº Absoluto	%
Agricultura	16678	82,84	3383	68,73	20061	80,07
Indústria	1448	7,19	80	1,63	1528	6,10
Comércio	791	3,93	209	4,25	1000	3,99
Serviços	467	2,32	706	14,34	1173	4,68
Transportes	288	1,43	14	0,28	302	1,21
Administração Pública	189	0,94	77	1,56	266	1,06
Atividades Sociais	101	0,50	378	7,68	479	1,91
Outras Atividades	170	0,84	75	1,52	245	0,98
Total	20132	100	4922	100	25054	100

Fonte: CEI, Informações Básicas dos Municípios baianos 5, vol I e II, Litoral Sul, 1993.

Em termos de rendimentos mensais da população economicamente ativa, temos 88% da PEA com rendimento abaixo de 2 salários mínimos, incluindo-se os 50% da população que não possuem rendimentos. Aqui se reflete a má distribuição da renda, onde 77% da mão de obra feminina não possui rendimentos, caracterizando uma pobreza da população. A Tabela 5 mostra os rendimentos mensais dos municípios em 1980.

Tabela 5 - Rendimento Mensal da População Economicamente Ativa (PEA) por Sexo

Rendimento Médio Mensal	1980					
	T	%	M	%	F	%
Até 1/2 SM	3539	6,84	1631	6,15	1908	7,57
mais de 1/2 a 1 SM	10211	19,75	7452	28,11	2759	10,95
mais de 1 a 2 SM	7366	14,24	6673	25,17	693	2,75
mais de 2 a 5 SM	3692	7,14	3395	12,81	297	1,18
mais de 5 a 10 SM	614	1,19	577	2,18	37	0,15
mais de 10 a 20 SM	323	0,62	315	1,19	8	0,03
Mais de 20 SM	116	0,22	116	0,44	0	0,00
Sem rendimentos	25724	49,74	6297	23,75	19427	77,08
Sem declarações	129	0,25	55	0,21	74	0,29
Total	51714	100	26511	100	25203	100

Fonte: CEI, Informações Básicas dos Municípios baianos 5, vol I e II, Litoral Sul, 1993.



5.2 Estrutura Produtiva

Quanto á utilização da terra, como pode ser visto pela Tabela 6, ressalta-se o número de áreas com lavouras 45% do total, seguido das áreas de matas e florestas com 28%, áreas de pastagens com 13% e terras em descanso e produtivas não utilizadas com 7%.

Em relação aos cultivos encontram-se na área predominantemente: mandioca, cacau, laranja, banana, coco da Bahia, Borracha, conforme Tabela 7, todas com aumento de produção se compararmos os dados de 80 e 89.

Tabela 6 - Área e Utilização das Terras por Classe de Atividade Econômica - 1995/96

Área e Utilização das Terras em há	Camamu	Igrapiúna	Ituberá	Maraú	Total
Lavouras	24128	19890	15657	27277	86952
Pastagens	9865	4801	931	10810	26407
Matas e Florestas	21395	7935	9017	15917	54264
Terras em descanso e Produtivas não utilizadas	4200	3007	2255	4101	13563
Total	61286	38952	30537	62074	192849

Fonte: SEI, Anuário Estatístico da Bahia – 1998.

Tabela 7 - Produção dos Principais Produtos em toneladas (t) em 1980-1989

Produtos	1980	1989
Mandioca	24944	44711
Cacau	14121	12266
Laranja ¹	602	4950
Borracha látex (liq. e coag.)	1853	5024
Coco da Bahia ²	285	1395

Fonte: CEI, Informações Básicas dos Municípios Baianos 5, vol I e II, Litoral Sul, 1993. ¹ Quantidade produzida em 1000 frutos, ² Quantidade produzida em 1000 cachos. Sem dados para Igrapiúna

5.3. Pecuária

A Pecuária não desponta como atividade significativa, como aponta a Tabela 8, pelos fatores pouco propícios ao desenvolvimento das pastagens. Em 1989 houve um aumento de todos os rebanhos com exceção dos muars. A produção de leite é inexistente o mesmo para o criatório apenas para uso doméstico.

Tabela 8 - Principais Rebanhos por Município – 1980-1989



Municípios	1980				1989			
	Rebanho				Rebanho			
	Bovinos	Suínos	Muare	Asininos	Bovinos	Suínos	Muare	Asininos
Camamu	1975	3211	2979		3005	3993	2400	
Ituberá	3304	751	1397		3100	430	975	
Maraú	1153	456		122	3550	2500		975
Total	6432	4418	4376	122	9655	6923	3375	975

Fonte: CEI, Informações Básicas dos Municípios Baianos 5, vol I e II, Litoral Sul, 1993.

- Pesca e Aqüicultura

Dispondo de vasto litoral com baías, enseadas, canais e estuários, e de uma área de manguezais com potenciais preservados a área apresenta inúmeros pescadores e marisqueiros vinculados às comunidades pesqueiras, tendo aqui a principal vocação da área como recurso econômico. O número de pescadores segundo Levantamento da Pesca Artesanal no Estado da Bahia realizado pela Secretaria da Agricultura em 1993 levantou um número aproximado de 1600 pescadores e 350 marisqueiros. A produção mensal gira em torno de 280830 Kg de peixes 58570 Kg de crustáceos e 5470 Kg de moluscos. Os apetrechos principais usados na pesca são: rede de malhar, rede de arrasto, tarrafa, armadilhas, anzol e a própria coleta manual. Em termos de embarcações as existentes na área foram em número aproximado de 800 embarcações dos tipos: saveiros de boca aberta, saveiros convés, canoas/batelões, lambaris. Os pontos de desembarque são carentes de infra-estrutura de recepção, conservação e beneficiamento, não contando com acessos pavimentados, dificultando o escoamento do produto e o transporte do gelo. Como existe uma dificuldade para aquisição do gelo para conservação do pescado, este é comercializado muitas vezes in natura, diminuindo o preço do geral praticado no mercado. A comercialização muitas vezes se dá através de intermediários.

Os principais problemas apontados no Levantamento, foram falta de infra-estrutura no desembarque, falta de organização da categoria, falta de financiamento para aquisição de embarcações e apetrechos de pesca, pescas predatórias.

Camamu concentra a produção de pescado. As principais comunidades da área são: em Camamu: Sede, Ilha Grande Camamu, Cajaíba, Ponta de Caieira, Barcelos do Sul; em Igrapiúna: Contrato, Timbuca, Pescaria, Ilha das Flores, Âmbar; em Ituberá – Barra do Serinhaém, Sede; e em Maraú: Barra Grande, Taipú, Tanque, Sede.



- Indústria

A região não apresenta números expressivos nesse setor destacando-se nos quatro municípios os seguintes gêneros de indústria: transformação de produtos minerais não metálicos, extração de minerais, produtos alimentares, borracha, mobiliário, madeira. O Município de Camamu destaca-se com o maior número de indústrias da região e principalmente com a presença da mineradora Baroid Pigmina em Ilha Grande na baía de Camamu, dedicada a extração de baritina.

- Comércio Serviços e Turismo

Neste setor destaca-se Camamu como centro comercial da região, onde se concentra um maior número de estabelecimentos varejistas, incluindo o maior número de pessoal empregado no setor. Há também uma quantidade considerável de estaleiros na sede e, principalmente, no povoado de Cajaíba do Sul.

Quanto ao turismo, a área apresenta um potencial natural, tendo em vista o direcionamento de um crescente fluxo de visitantes para área, principalmente, para os municípios de Camamu e Marauá. Os principais atrativos da região ficam por conta da beleza cênica natural e do seu patrimônio arquitetônico.

A Baía de Camamu, a terceira maior do País, apresenta enorme potencial turístico de lazer e para esportes náuticos, com dezenas de ilhas, ancoradouros naturais, praias e áreas de manguezais que podem ser utilizadas para a implantação de atividades de apoio nas áreas de serviços turísticos (transporte, restaurante, marina, etc). A oferta turística da região é caracterizada por pequenos estabelecimentos, semidomésticos e de grande porte como resorts, hotéis e pousadas para atender um público variado.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de ocupação dos municípios no entorno da península de Marauá-BA, ocorreu de forma racional, onde os elementos naturais mantiveram-se em grande parte preservada.

A prática do extrativismo, principalmente do dendê e de minérios e pouco desenvolvimento das atividades agrícola e pecuária, contribuiu para uma incidência de impactos ambientais.



As potencialidades naturais são utilizadas como fonte de recursos para o desenvolvimento regional, que têm no turismo e na pesca, uma alternativa.

O setor turístico vem recebendo fortes investimentos, levando a região a ter um turismo doméstico, por um turismo incrementado, com a construção de hotéis de grande luxo, enquanto o setor pesqueiro mantém-se de forma artesanal, não apresentando uma infra-estrutura para industrializar o setor pesqueiro.

Os municípios no entorno da Península de Maraú, buscam manter um desenvolvimento sustentável, onde o desenvolvimento deve estar sempre atrelado ao preservacionismo.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, J. S. F. e DOMINGUEZ, J. M. L. (org.). **Geologia da Bahia: Texto explicativo para o mapa geológico ao milionésimo**. Salvador: Secretaria de Indústria, Comércio e Mineração. Superintendência de Geologia e Recursos Minerais, 1996. 400p.

BAHIA. **Plano Diretor de Recursos Hídricos: Bacias da Região Leste**. Salvador: Secretaria de Recursos Hídricos, Saneamento e Habitação; Superintendência de Recursos Hídricos, 1996. 194p. (Volume I - Tomo I).

BAHIA, Governo do Estado **Zoneamento Ambiental: APA da Península de Maraú-Ba**. 1997. 338p;

CENTRO DE ESTATÍSTICA E INFORMAÇÕES (CEI). 1993. Informações Básicas dos Municípios Baianos- Litoral Sul, 5, vol I e II, Salvador.

GONÇALVES, E. **Geologia Econômica e Recursos Minerais**. Rio de Janeiro: Cartográfica Cruzeiro do Sul, 1976. 142p. (Diagnóstico Sócio-Econômico da Região Cacaueira).

ROEDER, Miguel. **Reconhecimento Climatológico**. Rio de Janeiro: Cartográfica Cruzeiro do Sul, 1975. (Diagnóstico sócio-econômico da região cacaueira).

ROCHA FILHO, C. A. **Recursos Hídricos**. Rio de Janeiro: Convênio II RA / Ceplac, 1976 (Diagnóstico sócio-econômico da região cacaueira).

SILVA, L. F. **Aptidão agrícola dos solos da região cacaueira**. Rio de Janeiro: Cartografia Cruzeiro do Sul, 1975. (Diagnóstico sócio-econômico da região cacaueira).